

EDUCANDO O OLHAR PARA A DIVERSIDADE: As PARADAs LGBT E A formação de educadores

Osmar Arruda Garcia
UNESP – IB – RIO CLARO

Célia Regina Rossi
UNESP – IB – RIO CLARO

Eixo Temático: Dimensão Cultural na Formação de Professores.
Não contou com financiamento.

Já dizia Paulo Freire que a *leitura de mundo antecede a leitura da palavra*. Sendo assim quando falamos em educação, segundo Freire (1989), falamos de algo muito mais amplo que só o conteúdo e os conhecimentos sistematizados oferecidos pela escola aos educandos, falamos de todo o conhecimento adquirido antes e apesar da escola, chamado às vezes de senso comum, mas que contribuem e fazem parte auxiliando muito na formação de qualquer indivíduo.

Neste contexto de formação crítica dos alunos, segundo Freire (1989), acreditamos que a visibilidade dada aos homossexuais nas Paradas LGBT¹ cumpre um importante papel na educação sexual de todos os que dela participam ou que a assistem. É necessário pontuar que consideramos aqui alunos também os educadores, pois estão em posições de alunos quer em sua formação inicial, quer na formação continuada ou ainda na formação na sala de aula.

Lembremos também, que os estudos culturais já colocam as questões de gênero e sexualidade como partes integrantes do currículo escolar, mesmo que seja através das sutis pedagogias culturais ou ainda do currículo oculto.

Temos aqui que fazer uma diferenciação entre educação sexual e orientação sexual para elucidar o uso do termo educação sexual em nossa concepção, para tanto seguimos a observação de Reis e Ribeiro (2005, p. 35-34), e então:

Utilizamos o termo educação sexual quando nos referimos à educação recebida pelo indivíduo desde o nascimento, inicialmente na família, posteriormente na comunidade, com seu grupo social e religioso, com a mídia, educação. Essa educação é contínua, indiscriminada e decorrente dos processos culturais que envolvem a aquisição de normas,

regras e valores sobre o sexo. Utilizamos o termo orientação sexual para nos referir a um trabalho planejado, organizado, sistematizado, com tempo e objetivo limitados, realizado por um profissional especializado.

Do ponto de vista da educação sexual toda essa visibilidade proporcionada pelas paradas pode contribuir para que os indivíduos que tomam contato com a mesma tenham mais respeito com os LGBTs, bem como auxiliar na mudança de olhar para com os atores desta parada. Já do ponto de vista da orientação sexual, o movimento poderia abrir um espaço para cobranças de políticas públicas educacionais efetivas para mudanças no que tange as questões do campo da sexualidade e identidades sexuais e de gênero na escola. Isso hoje tem ocorrido de uma forma que nós consideramos, ainda, muito inibida.

João Silvério Trevisan (2002, s/p.), militante LGBT e escritor em artigo escrito para a Revista G Magazine em 2002, em artigo intitulado Homossexualidade como Pedagogia, diz:

À medida que vamos tomando consciência de quem somos e dos nossos direitos, sentimos necessidade de “educar” a sociedade. Portanto, assim não há como discordar que a visibilidade cumpre um papel importante, nessa extensa luta que se estende de décadas atrás até hoje.

Dessa forma importa aos educadores conhecer mais sobre o movimento LGBT, bem como as paradas gays, etc., visto que esse dilema contemporâneo sobre as homossexualidades é muito presente hoje dentro de escolas, e a parada pode contribuir para fomentar estas discussões, uma vez que tem um alcance muito grande via mídia, publicidade e público. Esse fato nos demonstra que é necessário um maior conhecimento do tema para que possamos lidar bem com tais questões dentro da instituição escolar, e é o que passamos a fazer a seguir.

Histórico do movimento gay e Paradas LGBT no Brasil

Os grupos de defesa ou ativistas da causa homossexual ganham força, no país no fim da década de 70, por conta da abertura política do Governo Geisel que se começa a imprimir no país (FACCHINI, 2006), com

maior concentração no eixo Rio - São Paulo. Assim, o movimento passa desde uma fase que se demonstra muito repressora nos anos 70, com prisões e também ações públicas motivadas pelo poder constituído no país, que considerava uma ameaça à moral e aos bons costumes as homossexualidades, para um crescimento no número de clubes e bares direcionados a esse público no mesmo eixo citado anteriormente.

Hoje há, ainda, a invasão de simpatizantes heterossexuais nestes espaços, difundindo e criando outros olhares, para com a homossexualidade.

Como aponta Green (2000b; p.275),

[...] no 1º de maio de 1980, com a cidade cercada pelo 2º Exército e em estado de sítio, cerca de 50 ativistas homossexuais marcharam pelas ruas de São Bernardo do Campo, junto com milhares de outros participantes, unidos em comemoração ao Dia Internacional dos Trabalhadores, durante uma greve geral. Quando o grupo entrou no estádio de futebol da Vila Euclides, foi ovacionado por milhares de participantes. Seis semanas mais tarde, cerca de mil gays, lésbicas, travestis e prostitutas marcharam pelo centro de São Paulo em protesto à violência policial, cantando “Abaixo a repressão – mais amor e mais tesão”. Um movimento político tinha nascido.

Na mesma década, o movimento se viu desarticulado pelo surgimento do HIV (Human Immunodeficiency Vírus) – em português Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH) -, trazendo preconceitos e processos de exclusão dos Homossexuais na comunidade heterossexual, como relata Facchini (2006, s/p.):

Esse período inicial encerrou-se na primeira metade dos anos 80, coincidindo com a retomada do regime democrático e o surgimento da Aids, então chamada de “peste gay”. Entre meados e final dos anos 1980, o movimento sofreu uma dramática redução na quantidade de grupos. Em São Paulo, a Aids desarticulou uma parte da militância gay e deslocou uma outra parte para a construção da resposta coletiva à epidemia, de modo que apenas grupos lésbicos atravessaram os anos 1980.

Nos anos 90 a luta contra a AIDS deu maior visibilidade ao tema da homossexualidade. Com isso há também um reflorescimento das militâncias e dos grupos. O que se vê a partir dos anos 90 é uma expansão expressiva de trabalhos, projetos, ONGs e manifestações do

gênero e uma maior aceitação do mercado aos gays.

As paradas se tornaram, então, figura importante do movimento ativista homossexual, na luta pelo respeito à diversidade e visibilidade para abertura de discussões sobre os direitos políticos dos gays, tendo em vista que estas passam uma visão positiva deles para a sociedade.

Ao colocarem massas de pessoas nas ruas, num misto de manifestação por direitos e celebração, as paradas ampliam a visibilidade das identidades coletivas presentes no movimento de modo a diluir, no caráter lúdico e na referência ao respeito à diversidade, a rigidez das categorias cada vez mais específicas formuladas pelo movimento. A palavra-chave nas paradas é visibilidade, mas não visibilidade individual, e sim em massa. (FACCHINI, 2006, s/p.)

No ano de 1997, com a participação de duas mil pessoas, nasce a Parada do Orgulho GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) em São Paulo, deste ano até 1999 a parada enfoca principalmente temáticas como a visibilidade LGBT se consolidando como manifestação política do movimento. Neste período a Parada teve um crescimento de duas mil para trinta e cinco mil pessoas.

O crescimento no número de participantes da Parada foi sempre muito grande, haja vista que do ano de 2000 a 2002 o número de participantes passa de cem mil para quinhentos mil participantes. As temáticas passam então a focar não somente a visibilidade do público LGBT, mas também o respeito à diversidade envolvendo toda a sociedade. É também nessa época que tem origem o Mês do Orgulho, devido ao grande volume de atividades em torno da parada que começam a se multiplicar.

A partir de 2003 com a parada já plenamente consolidada como manifestação de um campo social crescente que apóia os direitos LGBT tem início uma nova fase, onde a parada passa a ser usada para refletir sobre as demandas da comunidade e também como forma de pressionar politicamente objetivando o reconhecimento e garantia efetiva dos direitos humanos dos homossexuais.

Nesse período que vai de 2003 a 2005 a parada tem um aumento no número de participantes, saltando de um milhão para dois milhões de pessoas, sendo considerada desde 2004 o maior evento do gênero no

mundo.

Em 2005 com o tema: Parceria civil já. Direitos iguais! A Parada cobra do poder legislativo a aprovação do Projeto de Parceria Civil entre pessoas do mesmo sexo.

Em 2006 apesar das dificuldades envolvendo a autorização para realização da Parada na data e local costumeiros, a Avenida Paulista, com restrições impostas por um "Termo de Ajuste de Conduta" limitando o horário, impedindo montagem de palco, e que exigia até mesmo que a limpeza das vias públicas fosse feita pela organização novamente foi a maior do mundo com 3 milhões de pessoas.

Mesmo sem os shows ou o glamour e com o apoio de sempre por parte de casas noturnas e sites comprometidos com a comunidade e de vários movimentos sociais, sem dúvida se realizou uma das Paradas mais politizadas em São Paulo.

Hoje as paradas gays são presentes em várias capitais brasileiras bem como tem havido um grande crescimento de eventos do tipo em várias cidades interioranas.

A Parada LGBT de São Paulo Educando o olhar

Toda essa visibilidade abre as portas, estabelecendo assim, mesmo que por alguns dias, pequenos espaços para discussões que auxiliam no desassossego do professor para a questão da educação sexual, assim como, de como levá-la para a instituição escolar.

A educação sexual deveria ser exercitada nas paradas pelos manifestantes, militantes e todos os LGBTs, para questões relativas às leis que acolhem, que educam, como também ampliam os direitos dos mesmos, auxiliando assim na criação de políticas públicas educacionais que auxiliam no combate a homofobia e em uma educação pautada no respeito as diferenças individuais.

Desde crianças, segundo Louro (2001), nossos corpos são educados, principalmente na escola, para a "normalidade", ou seja, a identidade heterossexual, onde o masculino e o feminino se afirmam biologicamente em nossos corpos, de maneira que qualquer jovem que fuja deste padrão é colocado às margens da sociedade dita "normal".

É necessário lembrar que o “apartheid sexual” ² de gêneros heterossexuais é visto presente entre os gays e também entre os “simpatizantes” que se encontram na avenida; as relações de gênero se fazem extremamente presentes nas relações homo afetivas, gay passivo e gay ativo, etc.

Essas visões heterossexistas de gênero afetam perigosamente a característica política de afirmação do movimento, e da afirmação do outro que é diferente, quando efetivamente não consegue romper com a dicotomia presente na sociedade conservadora em geral, do masculino e feminino. Deste modo é claro que o grito que surge das bocas dos militantes durante todo o percurso da parada soa falso até mesmo para os próprios homossexuais, que depois deste único dia de “liberdade condicional”, voltam para a sua vida rotineira, arrastando consigo todos os fantasmas, “héteronormativos”, dos quais se acham livres e despidos naquele momento.

Esses padrões de heterossexualidade acabam por se reproduzir dentro dos redutos freqüentados pelos homossexuais que, já fazendo parte de uma parcela destacada do mercado, que já é totalmente segmentado, seja para camadas mais pobres ou mais ricas, para negros ou para brancos, etc., acabam por tornar segmentados os preconceitos, o movimento, os clubes, as saunas, os bares, as boates, etc.

Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura. (LOURO, 2004, p.75)

Sendo assim, os freqüentadores destes redutos se dividem em pequenos grupos que travam entre si “pequenas batalhas”, construindo a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente *imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade.* (LOURO, 2001)

Quanto ao termo “liberdade condicional” questionamos: Por que apenas um dia para sentir orgulho?

Ainda segundo Louro (2001), os grupos ocupantes de posições centrais da sociedade, ou seja, os considerados “normais” ³ ditam as regras para as manifestações dos demais grupos, representando, assim,

a si mesmos e aos outros, falando pelos outros, fica claro o caráter político dessas representações e significações, onde as práticas são sempre marcadas por relações de poder.

A sociedade na sua maioria heterossexista mantém o poder sobre as “minorias sexuais”, decidindo, assim, por elas e suas manifestações, portanto determinando, dia, hora e local para que ela aconteça, e por isso esta pesquisa caminha pelo olhar de que a Parada LGBT é nada mais que uma “liberdade condicional”. Liberdade concedida para que não percebam o mecanismo de controle exercido sobre seus agentes.

A despeito de todas as oscilações, contradições e fragilidades que marcam esse investimento cultural, a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, “fixar” uma identidade masculina ou feminina “normal” e duradoura. Esse intento articula, então, as identidades de gênero “normais” a um único modelo de identidade sexual: a identidade heterossexual (LOURO 1997,1998 apud LOURO, 2001, p.26)

Consideramos que há um grande tesouro a ser construído na parada que é o caráter educacional, talvez imperceptível, ou de certa forma renegado sem que se perceba, que a mesma possui. Assim, há uma partida que deve gerar para eles uma contrapartida. Não deve haver apenas um dia para se sentir orgulho, deve se ter orgulho todos os dias, de ser e viver as diferenças.

Teoricamente é muito fácil falar sobre sentir orgulho todos os dias. É sabido que na sociedade neoliberal importam os interesses daqueles que detêm o maior poder capital, tanto é que os heterossexuais dominam e ditam as regras.

Segundo Foucault apud Weeks (2001): *a própria idéia de “sexualidade” como um domínio unificado é essencialmente uma idéia burguesa*. Isso explica o fato de nunca termos visto um Presidente da República que não tivesse do seu lado uma senhora a qual chama de Primeira Dama, por que a classe que está no poder sentia desde o passado e, sente até os dias de hoje uma necessidade de diferenciar a si mesma da “imoralidade”⁴; por isso é que seria um escândalo que o representante da República constituída tivesse um “Primeiro Senhor”, por exemplo.

Após o belíssimo “carnaval” que a parada deflagra, a sociedade

até assiste, achando bonito, considerando digna a luta, mas estes padrões vigentes não se rompem, não se destroem, para então ser reconstruídos. Na verdade, o que a sociedade cede aos gays neste dia para sentir orgulho, é apenas a partida, dos gays para com eles, um espetáculo como se fosse um grande festival, colorido, divertido, enfim, transformando a Avenida Paulista num grande sambódromo, mas fechado em si mesmo, sem reverberações após o evento.

O mercado arrecada o dinheiro que os turistas injetam nos estabelecimentos comerciais da grande São Paulo. Bares e clubes especializados para este público ficam superlotados, hotéis têm suas reservas esgotadas dias antes desse grande evento, às grandes lojas de moda dirigida a esta população acabam lucrando muito com a maior concentração do seu público na cidade no dia e nos dias que antecedem à Parada.

Em suma, o que a sociedade está aceitando e não respeitando, discutindo, é apenas o dinheiro dos gays, visto que segundo Louro (2001, p.12):

Admite-se (embora com algumas resistências) que um operário venha a se transformar num patrão ou que uma camponesa se torne empresária. Representados de formas novas, ele ou ela provavelmente também passam a perceber como os outros sujeitos, com outros interesses e estilos de vida. Aceita-se a transitoriedade ou a contingência de identidades de classe. A situação fica mais complicada, no entanto, se um processo semelhante ocorre com relação às identidades de gênero sexuais.

Sendo assim, se não há uma contrapartida da sociedade para com os gays, por que ela não ocorre?

Porque há uma fragilidade no movimento, considerando-se que muitos dos gays ali presentes não são assumidos publicamente, não “saíram do armário”⁵.

A pesquisa retoma a idéia de que eles vão para a avenida, gritam em uníssono que querem seus direitos, mas depois voltam para casa cada qual com seus interesses particulares, com seus medos, com seus “corpos educados” e não percebem que, no final das contas o termo: Parada, perde o significado de passeata e ganha o significado de interrupção, uma vez que apenas criou uma pausa na sua rotina diária.

Ao seu término a Parada realmente coloca um ponto final, tanto na

visibilidade quanto no grito de luta pela dignidade e igualdade de direitos dos gays e do outro para os dias subsequentes. Põe-se fim ao grito de luta pela diferença naquele ano e local para, daqui mais um ano, dar vazão novamente aos gritos de militância e luta pela diferença.

É claro que se sabe que há outros tantos movimentos no país e no mundo no decorrer do ano, mas nenhum com tanta visibilidade, com tanto reconhecimento da mídia como esse; portanto, deixar que a sociedade ofereça aos gays apenas a partida é algo que empobrece e enfraquece a luta. Seria esse o momento das Ongs e organizações defensoras dos direitos dos homossexuais lembrarem que, além das exigências dos direitos, é necessário reforçar de forma efetiva ações num âmbito educativo para que se possa construir desde a educação escolar, como também nos projetos educativos, uma igualdade de gêneros, mais sólida e crítica. Este poderia ser um caminho para que a longo prazo, a situação em relação ao preconceito possa reverter-se.

Há que se discutir que levantar discussões a cerca da sexualidade, identidade de gênero e identidade sexual é ainda delicado, mas requer um aprofundamento de toda a sociedade, e principalmente das instituições escolares.

Haja vista que vivemos numa sociedade que *remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada (Louro, 2001, p. 15)*; deste modo para quebrar tais padrões, é necessário a formação contínua, e dentro do contexto escolar, é o lugar ideal para iniciarmos.

Também não podemos aqui nos isentar e creditar à escola e à educação toda a responsabilidade por possíveis mudanças, como se elas fossem redentoras de todas as mazelas do mundo. O que se explicita é que a educação deve servir como ponto de apoio e partida aos movimentos pelas diferenças, étnicas, de religião, de gênero, de sexualidade etc. A união de movimentos com outros movimentos e mais a educação, podem sim fazer a diferença na luta pelas diferenças.

Algumas considerações

A pesquisa parte do relato da cultura e histórico do movimento

homossexual no Brasil. O que consideramos é que, como tratado anteriormente no texto, se faz necessário trazer uma abordagem que trate de projetos educativos de orientação sexual, temas que abordem mais profundamente as questões de gênero e das diferenças de forma efetiva e produzam uma consciência de respeito ao “outro” como ser humano único, com suas particularidades. Particularidades que devem ser respeitadas e não discriminadas.

Consideramos ainda que educadores/as devem sim passar por formação em cursos e programas que abordem as questões de identidades sexuais e de gênero, bem como as sexualidades em geral.

Não queremos dizer que esses cursos devam dar receitas prontas de como lidar com esses temas na sala de aula, mas que sensibilizem e problematizem tais questões, para que no coletivo construamos possibilidades de olhar o outro dentro de suas peculiaridades com respeito a elas, por meio de políticas sólidas de luta contra os preconceitos e a discriminação.

Sendo assim, este texto abre caminhos, olhares e provoca um sabor de quero mais, sobre questões, discussões e textos desta temática, contribuindo assim, para a formação crítica e responsável dos professores, para um olhar mais implicado sobre as diferenças na sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO DA PARADA DO ORGULHO GLBT DE SÃO PAULO. *Histórico das paradas em São Paulo*. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.paradasp.org.br/modules/articles/article.php?id=6>>. Acesso em: 14 jul. 2007.

FACCHINI, Regina. Na ordem do dia: movimento GLBT e paradas. *Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo*, São Paulo, 1 jan. 2006. Disponível em: <<http://www.paradasp.org.br/modules/articles/print.php?id=12>>. Acesso em: 14 jul. 2007.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo-SP, Cortez, 1989.

GREEN, James. N. “Abaixo a repressão: mais amor e mais tesão”, 1969-1980. In: *Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do*

século XX. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora Unesp, 2000a. p. 391-449.

GREEN, James. N. "Mais amor e mais tesão": a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu* (15). Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2000b, p.271-295.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G.L., (org.). *O Corpo Educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: Ensaios sobre teoria queer*. Belo Horizonte-MG, Autêntica, 2004.

REIS, Giselle Volpato; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade e Educação Escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. *Sexualidade e Infância*. Bauru/SP, Cadernos do Cecemca nº 1, 2005, p. 35-45.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu* (28). Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2007, p. 19-54.

TREVISAN, João Silvério. Homossexualidade como pedagogia. *G Online – universo de informação e prazer*, São Paulo, 20 set. 2002. Disponível em:

<http://gonline.uol.com.br/site/conteudo/index.php?in_secao=55&in_idioma=1&in_conteudo=7>. Acesso em: 14 jul. 2007.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G.L., (org.). *O Corpo Educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 35-82.

Notas

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros.

² Termo criado por Peter Maclaren (1995) apud Louro (2001)

³ de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc.

⁴ Considerando aqui o termo imoralidade como um desvio nos padrões normais de sexualidade impostos pela classe burguesa, segundo Jeffrey Weeks (2001).

Termo usado para definir os gays que se assumiram como tais perante a sociedade, muito usado nos guetos e pela sociedade em geral, sobre esse tema ver: Sedgwick (2007).